

AS DEPORTAÇÕES

Afinal, quando se resolve o governo Gomes da Costa a mandar regressar os indivíduos que se encontram na Guiné e Cabo Verde?

Afinal, as promessas do general Gomes da Costa, quanto ao regresso dos indivíduos deportados pelo governo Vitorino Guimarães sob a acusação de "legionários" vermelhos, ainda não se converteram em realidades.

Na Guiné e em Cabo Verde aguardam ainda sob a ação do torrido clima algumas dezenas de homens que o torvo ódio do Partido Democrático para ali lançou sem possível remissão.

Juridicamente ninguém poderá afirmar que os homens enviados para aquelas inóspitas paragens são criminosos.

Moralmente já provámos que muitos dos deportados estão inocentes e que não foram mais do que vítimas dos modernos carrascos da moderna Parreira.

Em favor desses inocentes depõeram já inúmeras pessoas, sendo todas unânimes em considerar a medida do governo Vitorino Guimarães, mais tarde ratificada pelo governo António Maria da Silva, como uma das mais monstruosas que registou a história portuguesa.

Depois, mesmo que todos os indivíduos deportados pertencessem a uma associação de malfeitos, só um tribunal é que poderia decidir sobre a sua ida para a África.

Desde que o poder judicial foi cometida a função de regular esses casos, só pelo seu *veredictum* poderiam ser arremessados para longe de suas famílias aqueles indivíduos que juridicamente se provasse ser delinquentes.

Como assim não se fez a medida, além de desumana, anti-constitucional e arbitrária.

Mas agora o caso assume um outro aspecto. Não é só aos governos Vitorino Guimarães e António Maria da Silva que cabem responsabilidades da monstruosidade que vitimou esses desgraçados que o clima africano devora.

As responsabilidades do governo Gomes da Costa também igualmente responsabilidades no crime, fazendo perdurar a tortura desses infelizes.

E as dêsse governos são tanto ou mais graves quanto é certo saber-se

que no programa da revolução havia uma cláusula que estabelecia o regresso imediato dos deportados e o seu julgamento *in continentis* na metrópole.

Porque não se resolve o governo Gomes da Costa a cumprir essa parte do programa, uma das que mais agrada à população?

E convença-se o general Gomes da Costa de que se o fizesse não concederia nenhum favor—apenas praticava um acto de justiça e de humanidade.

No que concerne a deportações o general Gomes da Costa tomou já uma resolução que, na verdade, nos foi simpática.

Foi ela a do regresso dos revolucionários de 2 de Fevereiro, que o governo António Maria da Silva fez seguir para Ponta Delgada.

Se foi uma medida arbitrária deportar para as ilhas aqueles revolucionários sem o tribunal proferir a última palavra, se foi um crime afastar da Metrópole esses indivíduos que só o tribunal poderia apurar se atentaram contra a soberania do Estado ou contra os poderes públicos, muito maior crime é o das deportações de indivíduos acusados apenas pela polícia, sem nenhum fundamento jurídico.

Para reparar essa falta o governo actual determinou o regresso dos radicais implicados no movimento de 2 de Fevereiro, no que procedeu apenas assiduamente.

Pois bem: Se o general Gomes da Costa quere ter a mesma rectidão com as vítimas de Vitorino Guimarães, ordene o seu imediato regresso e faça-as julgar na Metrópole, lugar donde nunca deveriam ter saído.

Só não proceder assim dá-nos o direito de considerar o seu governo, no capítulo deportações, tanto ou mais carrasco do que aquele que foi autor desta monstruosidade.

Era já noite cerrada
Pergunta à mãe o filhinho:
—Quem é aquele "encruzado"?
—É meu filho D. Martinho.

que tal processo é julgado inconveniente e manifestamente em desacordo com o estabelecido na referida reunião.

Nestas condições não deve tal processo ser usado nos numeros seguintes e antes serem preenchidos os espaços de forma a que se cumpram integralmente as instruções acima referidas e os compromissos tomados.

Juiga-se, em primeiro lugar, a querela referente ao editorial intitulado «A moralidade dos juízes da Boa Hora».

Tanto o nosso director, responsável pela publicação desse artigo, como as testemunhas de defesa, produziram interessantes discursos, abundando em considerações comprovativas de que o ambiente gerado pelos atropelos da polícia, já mantendo operários presos por largo tempo, ilegalmente, já espalhando-os para lhes arrancar confissões fantásticas, indo até ao fusilamento sumaríssimo; quer ainda porque a polícia se erigiu em supremo poder do Estado arrancando os presos ao poder judicial para continuar brutalizando-os, a presença de roupas ensanguentadas devido aos tratos inflingidos aos presos e ainda o facto de bastar a caiação de 50 contos para garantia de liberdade provisória a criaturas acusadas de insultos ferinos, tudo isto era prova suficiente de que, não existindo a intenção de tencionar a integridade moral ou profissional dos magistrados, mais não houvera do que o intuito de levar os juízes a reagirem contra a situação de cumprimento de desmandos em que os haviam colocado.

As outras duas querelas foram absolvidas.

Lisboa, 25 de Junho de 1926.

Joaquim Pratas Dias, coronel.

Se bem que a sua autenticidade não pudesse ser posta em dúvida, ambos os documentos não vinham redigidos em papel timbrado, mas em vulgar papel de carta, talvez comprado na papeleria da esquina.

Inútil é dizer que as indicações da censura foram, por nós, embora constrangidamente, respeitadas. Contudo, *A Batalha* passa a sofrer um regime de exceção. Os anúncios sempre foram fonte de receita do jornal, que os coloca onde melhor convém ao cumprimento de um contrato tácito. Todos os jornais publicam anúncios onde querem. Não entende assim a censura, e eis-nos em embargos para cumprir compromissos e... obrigações, de acordo com justos interesses e irritadas exigências. De mal com os anúncios por causa dos censores; de mal com os censores por causa dos anunciantes... Aperta-se o cerco, até que nós, os sitiados, possamos render-nos à míngua de matéria substituível.

No gabinete dum fisiologista
Entre a paisagem da decoração,
Vi um cérebro dentro dum boião,
Talvez para estudo ou fazer vista.

A REVOLTA DOS CAMPONESES

Inicia hoje «A BATALHA» a publicação dum novo capítulo do romance de Eugenie Sue OS MISTERIOS DO PVO.

Deste novo capítulo, que se intitula «A Revolta dos Camponezes», pode a sua leitura ser iniciada sem prejuízo para o leitor, das partes já publicadas, visto a grande obra de Eugenie Sue estar dividida em períodos distintos.

PELOS HOSPITAIS CIVIS

O que conviria fazer para que o cargo de secretário da Direcção Geral fosse desempenhado por uma entidade à altura daquela espinhosa missão

A rigorosa análise à direcção geral dos hospitais civis não cabe na capacidade de uns simples artigos. Tocar em todas as moléculas, ferir os pontos mais vulneráveis da referida direcção só poderia ser feito com brilho num volumoso livro, que constituiria uma admirável peça documental e histórica da vida hospitalar do nosso país.

Como isso é ainda uma doce utopia, contentemo-nos com estas claras sínteses que vimos publicando sobre os hospitais civis, até que esse grande livro se publique...

Nesses termos vamos ainda hoje ocupar-nos da direcção e da administração geral, contentemo-nos com estas claras sínteses que vimos publicando sobre os hospitais civis, até que esse grande livro se publique...

Embaixo, vemos ainda hoje ocupar-nos da direcção e da administração geral, contentemo-nos com estas claras sínteses que vimos publicando sobre os hospitais civis, até que esse grande livro se publique...

Como isso é ainda uma doce utopia, contentemo-nos com estas claras sínteses que vimos publicando sobre os hospitais civis, até que esse grande livro se publique...

Embaixo, vemos ainda hoje ocupar-nos da direcção e da administração geral, contentemo-nos com estas claras sínteses que vimos publicando sobre os hospitais civis, até que esse grande livro se publique...

Como isso é ainda uma doce utopia, contentemo-nos com estas claras sínteses que vimos publicando sobre os hospitais civis, até que esse grande livro se publique...

Embaixo, vemos ainda hoje ocupar-nos da direcção e da administração geral, contentemo-nos com estas claras sínteses que vimos publicando sobre os hospitais civis, até que esse grande livro se publique...

Como isso é ainda uma doce utopia, contentemo-nos com estas claras sínteses que vimos publicando sobre os hospitais civis, até que esse grande livro se publique...

Embaixo, vemos ainda hoje ocupar-nos da direcção e da administração geral, contentemo-nos com estas claras sínteses que vimos publicando sobre os hospitais civis, até que esse grande livro se publique...

Como isso é ainda uma doce utopia, contentemo-nos com estas claras sínteses que vimos publicando sobre os hospitais civis, até que esse grande livro se publique...

Embaixo, vemos ainda hoje ocupar-nos da direcção e da administração geral, contentemo-nos com estas claras sínteses que vimos publicando sobre os hospitais civis, até que esse grande livro se publique...

Como isso é ainda uma doce utopia, contentemo-nos com estas claras sínteses que vimos publicando sobre os hospitais civis, até que esse grande livro se publique...

Embaixo, vemos ainda hoje ocupar-nos da direcção e da administração geral, contentemo-nos com estas claras sínteses que vimos publicando sobre os hospitais civis, até que esse grande livro se publique...

Como isso é ainda uma doce utopia, contentemo-nos com estas claras sínteses que vimos publicando sobre os hospitais civis, até que esse grande livro se publique...

Embaixo, vemos ainda hoje ocupar-nos da direcção e da administração geral, contentemo-nos com estas claras sínteses que vimos publicando sobre os hospitais civis, até que esse grande livro se publique...

Como isso é ainda uma doce utopia, contentemo-nos com estas claras sínteses que vimos publicando sobre os hospitais civis, até que esse grande livro se publique...

Embaixo, vemos ainda hoje ocupar-nos da direcção e da administração geral, contentemo-nos com estas claras sínteses que vimos publicando sobre os hospitais civis, até que esse grande livro se publique...

Como isso é ainda uma doce utopia, contentemo-nos com estas claras sínteses que vimos publicando sobre os hospitais civis, até que esse grande livro se publique...

Embaixo, vemos ainda hoje ocupar-nos da direcção e da administração geral, contentemo-nos com estas claras sínteses que vimos publicando sobre os hospitais civis, até que esse grande livro se publique...

Como isso é ainda uma doce utopia, contentemo-nos com estas claras sínteses que vimos publicando sobre os hospitais civis, até que esse grande livro se publique...

Embaixo, vemos ainda hoje ocupar-nos da direcção e da administração geral, contentemo-nos com estas claras sínteses que vimos publicando sobre os hospitais civis, até que esse grande livro se publique...

Como isso é ainda uma doce utopia, contentemo-nos com estas claras sínteses que vimos publicando sobre os hospitais civis, até que esse grande livro se publique...

Embaixo, vemos ainda hoje ocupar-nos da direcção e da administração geral, contentemo-nos com estas claras sínteses que vimos publicando sobre os hospitais civis, até que esse grande livro se publique...

Como isso é ainda uma doce utopia, contentemo-nos com estas claras sínteses que vimos publicando sobre os hospitais civis, até que esse grande livro se publique...

Embaixo, vemos ainda hoje ocupar-nos da direcção e da administração geral, contentemo-nos com estas claras sínteses que vimos publicando sobre os hospitais civis, até que esse grande livro se publique...

Como isso é ainda uma doce utopia, contentemo-nos com estas claras sínteses que vimos publicando sobre os hospitais civis, até que esse grande livro se publique...

Embaixo, vemos ainda hoje ocupar-nos da direcção e da administração geral, contentemo-nos com estas claras sínteses que vimos publicando sobre os hospitais civis, até que esse grande livro se publique...

Como isso é ainda uma doce utopia, contentemo-nos com estas claras sínteses que vimos publicando sobre os hospitais civis, até que esse grande livro se publique...

Embaixo, vemos ainda hoje ocupar-nos da direcção e da administração geral, contentemo-nos com estas claras sínteses que vimos publicando sobre os hospitais civis, até que esse grande livro se publique...

Como isso é ainda uma doce utopia, contentemo-nos com estas claras sínteses que vimos publicando sobre os hospitais civis, até que esse grande livro se publique...

Embaixo, vemos ainda hoje ocupar-nos da direcção e da administração geral, contentemo-nos com estas claras sínteses que vimos publicando sobre os hospitais civis, até que esse grande livro se publique...

Como isso é ainda uma doce utopia, contentemo-nos com estas claras sínteses que vimos publicando sobre os hospitais civis, até que esse grande livro se publique...

Embaixo, vemos ainda hoje ocupar-nos da direcção e da administração geral, contentemo-nos com estas claras sínteses que vimos publicando sobre os hospitais civis, até que esse grande livro se publique...

CARTA DO PORTO

Enquanto sua magestade o "povo soberano" se diverte, a atmosfera adensa-se na iminência da borrasca

PORTO, 25. — Nestes dois últimos dias de cavalhada sanjoanina tornou-se impossível tomar qualquer coisa a sério. Seria uma temeridade, nessa ocasião de brólio precursor de ranchos em descentes, arriscar-se qualquer discussão, por mais minúscula que ela fosse, sobre os perigos emergentes da opressão militarista.

Desta organização apenas nos interessa hoje o secretário da Direcção Geral por ser ele que está em causa neste momento.

Nesta inteligência diremos que Curry Cabral estava mais dentro da boa doutrina. As funções cometidas ao referido secretário não podem ter a latitude demarcada pela Reforma Lobo Alves.

O secretário da Direcção Geral não pode ser mais do que um auxiliar do director e nunca deverá sobrepor-se à vontade do director.

Sempre que não se respeite esse princípio a invasão de atribuições irremédiable como lava de vulcão e o choque de opiniões entre aqueles dois funcionários tornar-seá inevitável.

Depois, a natureza das funções adstritas ao secretário da Direcção Geral deve ser um bachelard formado em direito, pois só assim ficará aquele cargo preenchido por um verdadeiro técnico.

Repetimos: há assuntos que só podem ser compreendidos por pessoas versadas em questões de direito e desse modo o director geral encontraria um admirável auxiliar para a respeito a assuntos que pelo director tenham que ser resolvidos.

Este olhar retrospectivo vai para o secretário da Direcção Geral dos Hospitais Civis, um dos funcionários hospitalares com maior capacidade técnica e administrativa conferida pela Reforma Lobo Alves.

Nesta altura convém frizar que para nós um chefe de Repartição é um funcionário criador de todo o nosso respeito e da nossa profunda admiração.

Não é demais também saber-se que as nossas apreciações em nada, absolutamente em nada, atingem o actual secretário da Direcção Geral sob o ponto de vista individual. Não conhecemos este cavalheiro, nem é este cavalheiro que nos ocupamos, mas sim do cargo por ele desempenhado, o que é algo diferente.

Isto posto prosseguiremos, dizendo que o secretário da Direcção deve ser um bachelard formado em direito, pois só assim ficará aquele cargo preenchido por um verdadeiro técnico.

Repetimos: há assuntos que só podem ser compreendidos por pessoas versadas em questões de direito e desse modo o director geral encontraria um admirável auxiliar para a respeito a assuntos que pelo director tenham que ser resolvidos.

Nesta altura convém frizar que para nós um chefe de Repartição é um funcionário criador de todo o nosso respeito e da nossa profunda admiração.

Não é demais também saber-se que as nossas apreciações em nada, absolutamente em nada, atingem o actual secretário da Direcção Geral sob o ponto de vista individual. Não conhecemos este cavalheiro, nem é este cavalheiro que nos ocupamos, mas sim do cargo por ele desempenhado, o que é algo diferente.

</div

ticas e outra a denúncia do acordo comercial.

Quanto à primeira, o ministro dos Negócios Estrangeiros não hesita em responder afirmativamente, mas relativamente à segunda, responde negativamente, não por que entenda que o governo dos soviéticos tenha direito a qualquer consideração em face da sua atitude, mas porque os interesses britânicos e os interesses da paz do mundo não poderiam ser servidos pela ratura de todas as relações com o governo da Rússia, pois se assemelha ao governo de qualquer outro país, embora seja impossível declarar que as suas relações com os outros países são amigáveis ou correctas.

O acordo comercial proíbe a ingerência dos soviéticos nos negócios internos de cada um, usando então o governo soviético o subterfúgio de fomentar a propaganda anti-britânica feita por ingleses.

Tem sido sugerida a abertura de novas negociações, mas o ministro dos Estrangeiros considera-as indesejáveis, visto os soviéticos não honrarem os seus anteriores compromissos.

O sr. Chamberlain terminou recordando ter leido parte do governo de coligação chefiado pelo sr. Lloyd-George, que concluiu o acordo comercial anglo-russo, convidando o líder liberal a reconhecer que as suas esperanças não foram coroadas de exito.

Um decreto que regula o uso e porte de armas

Decreto publicado ontem na fôlha oficial que regula o uso de porte de armas:

Artigo 1.º Serão julgados pelo tribunal militar territorial, a cuja área pertencer a localidade onde forem cometidos, todos os crimes a que se referem as alíneas a), b) e c) do artigo 1.º da lei n.º 969, de 11 de Maio de 1920, e bem assim os crimes de uso e porte de armas de fogo absolutamente proibidas.

Artigo 2.º Os arguidos de crimes a que se refere o artigo anterior serão presos, sem admissão de caução, e interrogados nas primeiras vinte e quatro horas após a apresentação no tribunal competente, a qual deve ser feita no mais curto prazo.

§ 1.º No interrogatório, que será feito pelo respectivo juiz auditor, os arguidos serão assistidos de defensor oficioso.

Artigo 3.º O corpo de delito será feito dentro de cinco dias, a contar do auto de notícia, pelas autoridades que para esse efeito forem competentes e remetido, nas vinte e quatro horas seguintes, ao tribunal a que o julgamento competir.

Artigo 4.º Nas quarenta e oito horas seguintes será lançado o despacho de pronúncia, o qual será intimado aos arguidos no prazo de quatro horas seguintes.

§ 1.º Deste despacho poderão os arguidos interpor recurso no prazo de três dias, mas o tribunal superior sómente conhecerá desse recurso quando o processo subir em apelação interposta da sentença final.

§ 2.º Dentro do mesmo prazo deverão os arguidos apresentar o rol de testemunhas de defesa, que não poderão exceder a dez, seja qual for o número de factos alegados, e qualquer prova documental que queiram produzir.

Artigo 5.º O julgamento far-se-há dentro dos cinco dias seguintes, devendo as testemunhas, tanto as de acusação como as de defesa, comparecer nesse auto, sendo para esse fim requisitadas as representações pelas partes, as quais resserão feitas da sede do tribunal, devendo as outras ser intimadas.

§ 1.º As requisições poderão ser feitas por via postal ou telegráfica.

§ 2.º No julgamento observar-se-hão os preceitos que regulam o funcionamento destes tribunais, escrevendo-se os depoimentos por extracto.

Art. 6.º Se os arguidos não tiverem sido presos, o auto de notícia e o corpo de delito serão encaminhados ao tribunal competente logo que decorra o prazo marcado no artigo 3.º, e este tribunal mandará citar os arguidos por efeitos de quinze dias, que serão publicados no Diário do Governo, e em dois jornais dos de maior circulação, para, no prazo de oito dias, se apresentar perante o mesmo tribunal, a fim de serem interrogados e acompanharem o processo.

Art. 7.º Se o arguido se não apresentar no tribunal no prazo assinado, o juiz auditor lançará dentro de vinte e quatro horas o despacho de indicação e seguir-se-hão os demais termos do processo até o julgamento, que será feito à revelia.

§ 1.º Se depois de decorrido o prazo assinado no artigo anterior os arguidos se apresentarem em juiz, acompanharem o processo na altura em que éste se encontrar.

Art. 8.º Os agentes dos crimes referidos no artigo 1.º deste decreto é aplicável a pena de degradação de dois a quinze anos para qualquer parte do território colonial da República, salvo se o crime for aplicável maior pena pela legislação em vigor.

Art. 9.º Os indivíduos que forem portadores ou detentores de explosivos ou de armas proibidas, e que, no prazo de quarenta e oito horas, a contar da publicação deste decreto, as entregarem nas sedes dos comandos militares, ou, na sua falta, nas administrações dos concelhos, ficam isentos de qualquer responsabilidade.

Art. 10.º Fica revogada a legislação em contrário.

Um que se salva

Pedi a exoneração do cargo de chanceler do conselho da Ordem da Torre Espada e contra-almirante sr. Gago Coutinho, cargo de que não chegou a tomar posse.

Que ingratos...

LONDRES, 25. — A Câmara dos Lords rejeitou, por 125 votos contra 80, a proposta que permitia votar na Câmara dos Lords as mulheres herdeiras do direito de ser Par, ou as autorizadas especialmente a fazerem parte da Câmara. — (I).

A tirania e o favoritismo exercidos no Corpo de Bombeiros

Antes da hora e no local aprazado, já o nosso sócio informador nos aguardava.

— Que impressão tem produzido os artigos de *A Batalha*?

— A de sucessivas faiscas sobre matérias prestes a inflamarem-se; explosões retumbantes, mas sem consequências, abafada num ambiente de coacção e terrorismo democráticos. A imagem mete termos técnicos. Queria concretizar. A campanha encetada pela *Batalha*, embora o não pareça, encontrou na Corporação um ambiente de franco apoio e aplauso. Simplesmente, como já lhe declarei na nossa última entrevista, os homens que a compõem, honestos, mas faltos de coragem, estabelecendo nos seus espíritos um paralelo entre o que a Corporação foi e o que é, e sentindo quanto os erros apontados nas colunas de *A Batalha* tem contribuído para a decadência da Corporação, não mais fazem que comentá-la, desalentados.

— Uma tristeza imensa me invade quando, após cada artigo publicado sobre aquela crápula, ouço e todos os lados clamar que ainda é *pois* que ainda a *Batalha* não sabe tudo. A sobre altitude assumida pelos ferrovários do Sul e Sueste, não consente mais para seus dirigentes os indivíduos que os juntaram à canga da escravatura, seria bom exemplo.

— Desejava então que a sua classe seguisse esse exemplo?

— A minha classe deveria seguir esse exemplo, mas teria então que desenvolver extraordinariamente a sua actividade. Essa negra figura de perniciosa acção, sintomaticamente designada por presidente da Junta Governativa, recolheria à situação que lhe prescreveu a junta médica a que foi submetido já por duas vezes e que o deu por incapaz para todo o serviço.

— Das numerosas alcalavas que usurpou — 900000 como chefe das oficinas, 750000 como adjunto do Corpo, uma bela e ampla casa no Quartel n.º 1, profusamente iluminada a expensas do cofre da Câmara e munida dum excelente fogão feito por sua ordem nas oficinas a seu cargo, onde é queimado abundante combustível que lhe não custa dinheiro, metade da hora que igualitariamente devia ser dividida pelos bombeiros e na cultura da qual se empregava permanentemente um bombeiro — ainda lhe ficaria com que viver à sua. E a Corporação libertar-se-á dumha figura sinistra que lhe perturba todos os momentos de tranquilidade. Espere um pouco!

— Aos empregados Alfredo Alberto Ferreira e José Pais, que a *Batalha* tão justificadamente designa por bobas, seriam pedidas contas das irregularidades em que conscientemente têm colaborado e praticado. Este último, ainda antecente, como que a desafiar a paciência de cada um, saindo com um automóvel, gritava, gesticulando provocadoramente: «cã vai mais uma para a *Batalha*». No dia seguinte entrava no Quartel 10, no mesmo automóvel, que era então guiado pelo vereador dos incêndios. Seria, igualmente, de toda a conveniência averiguar de forma porque se tem feito aquisições de carros que, para salvar encravados se arrumam para a Serraria dos Incêndios onde não há maior necessidade.

— Em virtude desses esbanjamentos resulta não haver dinheiro para pagar as férias aos operários nem aos bombeiros às vezes.

— Mas, — objectámos — julgamos que esses funcionários, enquanto-lhes caibam reconhecidas culpas nos desmandos cometidos, não são, no entanto, quem deve responder por elas em primeiro lugar?

— Eu lhe digo: Em Portugal, onde só as leis que beneficiam os grandes lhes permitem as atenções, não é possível, por defecção sistemática, torná-los responsáveis pelo não cumprimento das outras ou pela sua desempenha.

— Por isso seria até frouçado quem uma vez se lembrasse de chamar à barra das responsabilidades um vereador, especialmente um vereador democrático. Quanto ao comandante, porém, exigir-se-ia a sua virtual despedida, pois, que, no que concerne à Rússia, estava completamente só.

— Em virtude desses esbanjamentos resulta não haver dinheiro para pagar as férias aos operários nem aos bombeiros às vezes.

— Mas, — objectámos — julgamos que esses funcionários, enquanto-lhes caibam reconhecidas culpas nos desmandos cometidos, não são, no entanto, quem deve responder por elas em primeiro lugar?

— Eu lhe digo: Em Portugal, onde só as leis que beneficiam os grandes lhes permitem as atenções, não é possível, por defecção sistemática, torná-los responsáveis pelo não cumprimento das outras ou pela sua desempenha.

— Por isso seria até frouçado quem uma vez se lembrasse de chamar à barra das responsabilidades um vereador, especialmente um vereador democrático. Quanto ao comandante, porém, exigir-se-ia a sua virtual despedida, pois, que, no que concerne à Rússia, estava completamente só.

— Em virtude desses esbanjamentos resulta não haver dinheiro para pagar as férias aos operários nem aos bombeiros às vezes.

— Mas, — objectámos — julgamos que esses funcionários, enquanto-lhes caibam reconhecidas culpas nos desmandos cometidos, não são, no entanto, quem deve responder por elas em primeiro lugar?

— Eu lhe digo: Em Portugal, onde só as leis que beneficiam os grandes lhes permitem as atenções, não é possível, por defecção sistemática, torná-los responsáveis pelo não cumprimento das outras ou pela sua desempenha.

— Por isso seria até frouçado quem uma vez se lembrasse de chamar à barra das responsabilidades um vereador, especialmente um vereador democrático. Quanto ao comandante, porém, exigir-se-ia a sua virtual despedida, pois, que, no que concerne à Rússia, estava completamente só.

— Em virtude desses esbanjamentos resulta não haver dinheiro para pagar as férias aos operários nem aos bombeiros às vezes.

— Mas, — objectámos — julgamos que esses funcionários, enquanto-lhes caibam reconhecidas culpas nos desmandos cometidos, não são, no entanto, quem deve responder por elas em primeiro lugar?

— Eu lhe digo: Em Portugal, onde só as leis que beneficiam os grandes lhes permitem as atenções, não é possível, por defecção sistemática, torná-los responsáveis pelo não cumprimento das outras ou pela sua desempenha.

— Por isso seria até frouçado quem uma vez se lembrasse de chamar à barra das responsabilidades um vereador, especialmente um vereador democrático. Quanto ao comandante, porém, exigir-se-ia a sua virtual despedida, pois, que, no que concerne à Rússia, estava completamente só.

— Em virtude desses esbanjamentos resulta não haver dinheiro para pagar as férias aos operários nem aos bombeiros às vezes.

— Mas, — objectámos — julgamos que esses funcionários, enquanto-lhes caibam reconhecidas culpas nos desmandos cometidos, não são, no entanto, quem deve responder por elas em primeiro lugar?

— Eu lhe digo: Em Portugal, onde só as leis que beneficiam os grandes lhes permitem as atenções, não é possível, por defecção sistemática, torná-los responsáveis pelo não cumprimento das outras ou pela sua desempenha.

— Por isso seria até frouçado quem uma vez se lembrasse de chamar à barra das responsabilidades um vereador, especialmente um vereador democrático. Quanto ao comandante, porém, exigir-se-ia a sua virtual despedida, pois, que, no que concerne à Rússia, estava completamente só.

— Em virtude desses esbanjamentos resulta não haver dinheiro para pagar as férias aos operários nem aos bombeiros às vezes.

— Mas, — objectámos — julgamos que esses funcionários, enquanto-lhes caibam reconhecidas culpas nos desmandos cometidos, não são, no entanto, quem deve responder por elas em primeiro lugar?

— Eu lhe digo: Em Portugal, onde só as leis que beneficiam os grandes lhes permitem as atenções, não é possível, por defecção sistemática, torná-los responsáveis pelo não cumprimento das outras ou pela sua desempenha.

— Por isso seria até frouçado quem uma vez se lembrasse de chamar à barra das responsabilidades um vereador, especialmente um vereador democrático. Quanto ao comandante, porém, exigir-se-ia a sua virtual despedida, pois, que, no que concerne à Rússia, estava completamente só.

— Em virtude desses esbanjamentos resulta não haver dinheiro para pagar as férias aos operários nem aos bombeiros às vezes.

— Mas, — objectámos — julgamos que esses funcionários, enquanto-lhes caibam reconhecidas culpas nos desmandos cometidos, não são, no entanto, quem deve responder por elas em primeiro lugar?

— Eu lhe digo: Em Portugal, onde só as leis que beneficiam os grandes lhes permitem as atenções, não é possível, por defecção sistemática, torná-los responsáveis pelo não cumprimento das outras ou pela sua desempenha.

— Por isso seria até frouçado quem uma vez se lembrasse de chamar à barra das responsabilidades um vereador, especialmente um vereador democrático. Quanto ao comandante, porém, exigir-se-ia a sua virtual despedida, pois, que, no que concerne à Rússia, estava completamente só.

— Em virtude desses esbanjamentos resulta não haver dinheiro para pagar as férias aos operários nem aos bombeiros às vezes.

— Mas, — objectámos — julgamos que esses funcionários, enquanto-lhes caibam reconhecidas culpas nos desmandos cometidos, não são, no entanto, quem deve responder por elas em primeiro lugar?

— Eu lhe digo: Em Portugal, onde só as leis que beneficiam os grandes lhes permitem as atenções, não é possível, por defecção sistemática, torná-los responsáveis pelo não cumprimento das outras ou pela sua desempenha.

— Por isso seria até frouçado quem uma vez se lembrasse de chamar à barra das responsabilidades um vereador, especialmente um vereador democrático. Quanto ao comandante, porém, exigir-se-ia a sua virtual despedida, pois, que, no que concerne à Rússia, estava completamente só.

— Em virtude desses esbanjamentos resulta não haver dinheiro para pagar as férias aos operários nem aos bombeiros às vezes.

— Mas, — objectámos — julgamos que esses funcionários, enquanto-lhes caibam reconhecidas culpas nos desmandos cometidos, não são, no entanto, quem deve responder por elas em primeiro lugar?

— Eu lhe digo: Em Portugal, onde só as leis que beneficiam os grandes lhes permitem as atenções, não é possível, por defecção sistemática, torná-los responsáveis pelo não cumprimento das outras ou pela sua desempenha.

— Por isso seria até frouçado quem uma vez se lembrasse de chamar à barra das responsabilidades um vereador, especialmente um vereador democrático. Quanto ao comandante, porém, exigir-se-ia a sua virtual despedida, pois, que, no que concerne à Rússia, estava completamente só.

— Em virtude desses esbanjamentos resulta não haver dinheiro para pagar as férias aos operários nem aos bombeiros às vezes.

— Mas, — objectámos — julgamos que esses funcionários, enquanto-lhes caibam reconhecidas culpas nos desmandos cometidos, não são, no entanto, quem deve responder por elas em primeiro lugar?

— Eu lhe digo: Em Portugal, onde só as leis que beneficiam os grandes lhes permitem as atenções, não é possível, por defecção sistemática, torná-los responsáveis pelo não cumprimento das outras ou pela sua desempenha.

— Por isso seria até frouçado quem uma vez se lembrasse de chamar à barra das responsabilidades um vereador, especialmente um vereador democrático. Quanto ao comandante, porém, exigir-se-ia a sua virtual despedida, pois, que, no que concerne à Rússia, estava completamente só.

— Em virtude desses esbanjamentos resulta não haver dinheiro para pagar as férias aos operários nem aos bombeiros às vezes.

— Mas, — objectámos — julgamos que esses funcionários, enquanto-lhes caibam reconhecidas culpas nos desmandos cometidos, não são, no entanto, quem deve responder por elas em primeiro lugar?

— Eu lhe digo: Em Portugal, onde só as leis que beneficiam os grandes lhes permitem as atenções, não é possível, por defecção sistemática, torná-los responsáveis pelo não cumprimento das outras ou pela sua desempenha.

— Por isso seria até frouçado quem uma vez se lembrasse de chamar à barra das responsabilidades um vereador, especialmente um vereador democrático. Quanto ao comandante, porém, exigir-se-ia a sua virtual despedida, pois, que, no que concerne à Rússia, estava completamente só.

— Em virtude desses esbanjamentos resulta não haver dinheiro para pagar as férias aos operários nem aos bombeiros às vezes.

— Mas, — objectámos — julgamos que esses funcionários, enquanto-lhes caibam reconhecidas culpas nos desmandos cometidos, não são, no entanto, quem deve responder por elas em primeiro lugar?

A BATALHA

Em Espanha conspira-se pela república, enquanto que por cá...



NO IMPERIO ANGOLANO

As infâmias dos altos funcionários contra os direitos dos indígenas

Acabamos de receber uma carta, que nos foi dirigida à redação d'este jornal, cujo conteúdo é o seguinte: "... Tenho lido sempre, e com o devido interesse, o que tendes escrito sobre a história dos crimes cometidos no reinado do Imperador Norton..., muito vos ajudaria nomeando e causticando factos que avolumariam a série de crimes daquele reinado.

"Um há que é tão revoltante que não posso deixar de lembrar-vos: a usurpação, o esbulho, o roubo violento dos palmares seculares dos nativos do Alto Dande, feito com proveito da Companhia do Alto Dande, pelo próprio administrador da circunscrição, um tal bandido Eurícora C. Pereira, sem pejo de ser um funcionário da Repúblia e antes um falso comerciante, gosando de alta proteção do Imperador, e recebendo como prémio, em face de tão honrosa roubalheira, crime que é mais que hedionda escravatura, uma ingénua transferência!...

"Os pobres nativos, roubados, levaram o seu justo clamor perante o Imperador, e este, enfurecido por ser incomodado, escravou-os, amordaçou-os como aos seus irmãos que oussaram levantar a voz, quer no jornal quer fora, perseguindo-os e desferando-os, como vós muito bem sabeis.

"A pessoa dum Imperador, por ser grande, não se pediram responsabilidades, e antes, deu-se-lhe o galardão da embaixada de Londres; se se tratasse dum «pequeno» sofreria logo extorsões e havia logo lei para os seus crimes!

"Os pobres pretos é que ficaram roubados sem os seus palmares, o sustento de suas famílias e seus filhos!

"A mesma Companhia, assim protegida pelo Imperador, no Dombe Grande, tem roubado todos os terrenos aos pretos, tendo até feito de noite, com luar, muitas demarcações, ali encontrando os pretos de manhã, as marcas nos seus terrenos. E as suas queixas perante o governador de Benguela, feitas contra a Companhia, não têm sido ouvidas, antes sendo mais roubados, vendo-se obrigados a ir morar para proximidade das ondas do mar. Se quisermos cultivar um pouco de terreno, que é seu, e deles enbulhados, têm de pagar certa quantia à Companhia, e não pagando são obrigados a trabalhar, coagidos, em proveito dela!... Mais que hedionda escravatura!!

... M. S. S. G.

Omitidas apenas as passagens que louvam *A Batalha* e o cumprimento do dever — assim o reputamos — da pessoa que vem rabiscando o que sobre Angóla vimos lendo, eis a transcrição fiel da carta que acaba de chegar às nossas mãos.

Não precisa de comentários; por ela se apura o que tem sido a ação governativa, financeira, económica, administrativa e cívilizadora dos filantropos políticos em Angola — oprímidia, roubada e desgraçada província que tem uma história — odiseia atrabiliada, em cujas páginas só nos é dado ler desprêzo, miséria, dor e crime, como deixámos dito no *Notícias de Loanda*.

Progresso? Economia? Ordem? Apóstolos da Civilização?

Paralisando e inutilizando todas as energias e boas iniciativas, sacando dos cofres públicos e esbanjando todas as receitas provenientes de impostos e contribuições diretas e indiretas, usando da violência e provocando a desordem, reduzindo a uma — Eu — as três pessoas gramaticais e escudadas na força e na lei, conjugando o verbo querer ligado aquela pessoa no presente do indicativo — quer — eis os apóstolos do veneno — as três pessoas gramaticais e escudadas na força e na lei, conjugando o verbo querer ligado aquela pessoa no presente do indicativo — quer — eis os apóstolos do veneno —

O administrador de circunscrição Eurico da Costa Pereira, enquanto comerciante também disse para o africano, conjugando aquele verbo querer — e vê de lhe vender, pelo mais elevado preço, a mais ordinária mercadoria.

Mas tal ofício exigia-lhe um pouco de sacrifício; tinha que dar mais passos do que desejava. Depois era preciso ter uma paciência extraordinária para ouvir tantas vezes o negro, o matumbu dizer:

— E' xinhô! quitará c' nál... — dinheiro, não tenho, não chega, ouvia o comerciante.

Umas quatro cervejas por dia que bebesse, a 10\$00, preço a que se vende em Angóla a água gelada junto com lúpulo e cedada, no fim do mês despendia 1.200\$00.

Esta importância era duplicada, pela dupla quantidade de cerveja bebida, por muitos indivíduos que naquelas passagens conhecemos. Mas para não exagerarmos, o que não queremos, tomamos o termo médio.

Uma garrafa de champanhe 80\$00. Que bebesse umas quatro por mês, temos 320\$00; com outras bebidas diversas desta e mais caras, que a cerveja, 200\$00; em automóveis, a 75\$00 cada hora, umas dez horas por mês, o que é muito pouco, 750\$00; com a alimentação cotidiana 600\$00; outros extras extraordinários, 500\$00. Temos, pois, no fim de mês, uma despesa de 3.570\$00.

E não falamos em jôgo nem tampouco nos despendos com as condessas... prostítutas da élite.

Não se admirem os leitores se lhes dissermos que funcionários conhecemos que no fim do mês recebiam, só de chocolate, uma factura para liquidar, de 500\$00! E um conhecemos que ao cabo de pouco mais dum mês pagou ao «chaufeur» mais de 3.000\$00!!

Podemos calcular por quanto ficava a Angóla cada um dos principescos jantares e almoços de Norton de Matos.

Ora o falso comerciante para poder arcar com tais prováveis despesas, tinha que dispor de capital suficiente para isso e para continuar em pé.

Pensou em conseguir uma receita permanente e outra eventual, mais lucrativas e que lhe acarretassem um futuro mais próspero com a vantagem de menor sacrifício. Usando, pois, dos meios ao seu alcance para conseguir os desejados fins, proclamou-se soba da circunscrição civil do Alto Dande — lugar sem dúvida dos mais rendosos em Angóla.

Roubar e vender a propriedade alheia, era um acto, compreendido na sua competência administrativa.

O que faria o senhor administrador, ou qualquer europeu, ao africano que entrasse

FESTAS ASSOCIATIVAS

Universal Futebol Club

Para a continuação das festas da inauguração da nova sede realiza-se, no próximo domingo, 27 do corrente, uma corrida pedestre de 10 quilómetros, cujo percurso é do Senhor Roubado à sede d'este clube, na calçada de Santo André, 45, 1.º, para a disputa da taça «Luís Leite» e cinco medalhas de «vermelho», prata e cobre. A inscrição continua aberta, na sede d'este clube, todas as noites, das 20 às 24 horas, até ao dia 26 do corrente. No mesmo dia, realiza-se, às 21 horas, uma récita desempenhada por amadores, seguida de baile toda a noite.

O aniversário da Associação do Pessoal dos Hospitais Civis

Em poucas classes a festa do aniversário do seu sindicato profissional despertou tanto interesse como na do pessoal dos hospitais civis.

A numerosa classe vibra de entusiasmo ao pensar que amanhã terá ensejo de confraternizar durante algumas horas, confraternização que servirá como de lenitivo às suas deras vividas com as dores dos infelizes enfermos.

«Diz o artigo n.º 2 do Decreto n.º 5560, de 16 de Maio de 1910: Toda a violência exercida sobre os animais é considerado acto punível.

«Diz o artigo n.º 1 do Decreto n.º 5864

de 12 de Junho de 1919, que espancar animais é considerado acto cuja punição deve ser promovida pelos agentes do Ministério Público.

«Diz a Portaria n.º 2700 de 6 de Abril de 1921: Com o fundamento de que as touradas eram um divertimento bárbaro e impróprio de nações civilizadas, e que únicamente serviam para habituar os homens ao crime e à ferocidade, foram elas proibidas por decreto de 19 de Setembro de 1836. E não obstante ter sido este decreto revogado pela lei de 30 de Junho de 1837, é certo que o bárbaro espectáculo de touros de morte não tem sido permitido no nosso país. Mas porque tenha sucedido que em um ou outro ponto do país e a despeito da vigilância das autoridades, se tenham realizado touradas de morte, e convindo por côrro a tão grave abuso, que é o mesmo tempo um crime considerado punível pelo decreto n.º 5550 de 10 de Maio de 1919. Manda o governo da República Portuguesa, pelo Ministério do Interior, sejam rigorosamente observadas as disposições do citado decreto n.º 5560, cuja doutrina implicitamente se opõe à realização de touros de morte.

«E finalmente, diz a imprensa diária do dia 24 do corrente, referindo-se a uma festa elegante, no palácio Fronteira, na qual uma sociedade vã organizou um bárbaro espectáculo de crueldade inícial, para oferecer a um público que ainda se delicia com a dor muda de animais sacrificados e sente prazer em ver correr o sangue de vítimas indefesas! «Por fim Cañero realizou a grande surpresa anunciada no programa, a morte do touro.

«Para isso fez duas estocadas sem resultado, tentou com igual sorte um descabelo, mudou de estoque, repetiu o descabelo e finalmente o bicho lá tombou, entre os aplausos da assistência!»

«Senhor ministro: Crêmos que nada de mais fortificante e animador poderia neste momento ser oferecido à consciência do país! E cumprimos nos em nome desta Liga, que representa milhares de consciências, lutar, o mais solene protesto, contra esta infração às leis do país, as leis humanitaristas, aquelas que mais podem concorrer para levantar o nível ético do nosso povo, tão miseravelmente abatido e deprido.

«Foi perante as leis citadas e perante os alicerces humanitários da nossa civilização — uma infração, um crime — o que se praticou ontem no palácio Fronteira.

«Ora à consciência pública, na generalidade compassiva e bondosa, repugna e indigna ver-se retroceder — para satisfação dum minoria de retardatários da civilização e de herdeiros de tradições, que a educação e cultura modernas têm vindo suprimindo por toda a parte — a semelhantes espetáculos que nos maculam e desconcertam perante o mundo.

«Essa consciência popular, que felizmente é maior do que se supõe, reclama que os deveres do homem para com os animais sejam uma realidade e observadas as leis que defendem da crueldade e ferocidade humanas os seres que como os homens são homens de acção, chamando-nos homens de moralidade.

«Um homem encontra-se no seu gabinete, só, sem mover-se, tendo na frente um tinteiro, uma caneta e um papel. Esse homem é Rabelais, é Molière, é Balzac. Nessa morte aparente dos membros, existe uma acção que vai comover o mundo, adiantar os séculos, avançar a humanidade; porque assim o cérebro actua e trabalha pela gabinete.

«Vejamos. Um homem encontra-se no seu gabinete, só, sem mover-se, tendo na frente um tinteiro, uma caneta e um papel. Esse homem é Rabelais, é Molière, é Balzac.

Nessa morte aparente dos membros, existe uma acção que vai comover o mundo, adiantar os séculos, avançar a humanidade; porque assim o cérebro actua e trabalha pela gabinete.

«Faz mal. Paul de Casagnac em falar das tinteiras. Cura-se uma ferida feita por uma espada, mas não se cura uma ferida feita por uma pena. E' que a espada é a arma dos músculos e nada prova, e a caneta é a da alma e da inteligência. Talvez alguns políticos se incomodem ao olharem-se neste espelho de duelista, e se apodem elos mesmo homens de ação, chamando-nos homens de gabinete.

«Vejamos. Um homem encontra-se no seu gabinete, só, sem mover-se, tendo na frente um tinteiro, uma caneta e um papel. Esse homem é Rabelais, é Molière, é Balzac.

Nessa morte aparente dos membros, existe uma acção que vai comover o mundo, adiantar os séculos, avançar a humanidade; porque assim o cérebro actua e trabalha pela gabinete.

«Faz mal. Paul de Casagnac em falar das tinteiras. Cura-se uma ferida feita por uma espada, mas não se cura uma ferida feita por uma pena. E' que a espada é a arma dos músculos e nada prova, e a caneta é a da alma e da inteligência. Talvez alguns políticos se incomodem ao olharem-se neste espelho de duelista, e se apodem elos mesmo homens de ação, chamando-nos homens de gabinete.

«Vejamos. Um homem encontra-se no seu gabinete, só, sem mover-se, tendo na frente um tinteiro, uma caneta e um papel. Esse homem é Rabelais, é Molière, é Balzac.

Nessa morte aparente dos membros, existe uma acção que vai comover o mundo, adiantar os séculos, avançar a humanidade; porque assim o cérebro actua e trabalha pela gabinete.

«Faz mal. Paul de Casagnac em falar das tinteiras. Cura-se uma ferida feita por uma espada, mas não se cura uma ferida feita por uma pena. E' que a espada é a arma dos músculos e nada prova, e a caneta é a da alma e da inteligência. Talvez alguns políticos se incomodem ao olharem-se neste espelho de duelista, e se apodem elos mesmo homens de ação, chamando-nos homens de gabinete.

«Vejamos. Um homem encontra-se no seu gabinete, só, sem mover-se, tendo na frente um tinteiro, uma caneta e um papel. Esse homem é Rabelais, é Molière, é Balzac.

Nessa morte aparente dos membros, existe uma acção que vai comover o mundo, adiantar os séculos, avançar a humanidade; porque assim o cérebro actua e trabalha pela gabinete.

«Faz mal. Paul de Casagnac em falar das tinteiras. Cura-se uma ferida feita por uma espada, mas não se cura uma ferida feita por uma pena. E' que a espada é a arma dos músculos e nada prova, e a caneta é a da alma e da inteligência. Talvez alguns políticos se incomodem ao olharem-se neste espelho de duelista, e se apodem elos mesmo homens de ação, chamando-nos homens de gabinete.

«Vejamos. Um homem encontra-se no seu gabinete, só, sem mover-se, tendo na frente um tinteiro, uma caneta e um papel. Esse homem é Rabelais, é Molière, é Balzac.

Nessa morte aparente dos membros, existe uma acção que vai comover o mundo, adiantar os séculos, avançar a humanidade; porque assim o cérebro actua e trabalha pela gabinete.

«Faz mal. Paul de Casagnac em falar das tinteiras. Cura-se uma ferida feita por uma espada, mas não se cura uma ferida feita por uma pena. E' que a espada é a arma dos músculos e nada prova, e a caneta é a da alma e da inteligência. Talvez alguns políticos se incomodem ao olharem-se neste espelho de duelista, e se apodem elos mesmo homens de ação, chamando-nos homens de gabinete.

«Vejamos. Um homem encontra-se no seu gabinete, só, sem mover-se, tendo na frente um tinteiro, uma caneta e um papel. Esse homem é Rabelais, é Molière, é Balzac.

Nessa morte aparente dos membros, existe uma acção que vai comover o mundo, adiantar os séculos, avançar a humanidade; porque assim o cérebro actua e trabalha pela gabinete.

«Faz mal. Paul de Casagnac em falar das tinteiras. Cura-se uma ferida feita por uma espada, mas não se cura uma ferida feita por uma pena. E' que a espada é a arma dos músculos e nada prova, e a caneta é a da alma e da inteligência. Talvez alguns políticos se incomodem ao olharem-se neste espelho de duelista, e se apodem elos mesmo homens de ação, chamando-nos homens de gabinete.

«Vejamos. Um homem encontra-se no seu gabinete, só, sem mover-se, tendo na frente um tinteiro, uma caneta e um papel. Esse homem é Rabelais, é Molière, é Balzac.

Nessa morte aparente dos membros, existe uma acção que vai comover o mundo, adiantar os séculos, avançar a humanidade; porque assim o cérebro actua e trabalha pela gabinete.

«Faz mal. Paul de Casagnac em falar das tinteiras. Cura-se uma ferida feita por uma espada, mas não se cura uma ferida feita por uma pena. E' que a espada é a arma dos músculos e nada prova, e a caneta é a da alma e da inteligência. Talvez alguns políticos se incomodem ao olharem-se neste espelho de duelista, e se apodem elos mesmo homens de ação, chamando-nos homens de gabinete.

«Vejamos. Um homem encontra-se no seu gabinete, só, sem mover-se, tendo na frente um tinteiro, uma caneta e um papel. Esse homem é Rabelais, é Molière, é Balzac.

Nessa morte aparente dos membros, existe uma acção que vai comover o mundo, adiantar os séculos, avançar a humanidade; porque assim o cérebro actua e trabalha pela gabinete.

«Faz mal. Paul de Casagnac em falar das tinteiras. Cura-se uma ferida feita por uma espada, mas não se cura uma ferida feita por uma pena. E' que a espada é a arma dos músculos e nada prova, e a caneta é a da alma e da inteligência. Talvez alguns políticos se incomodem ao olharem-se neste espelho de duelista, e se apodem elos mesmo homens de ação, chamando-nos homens de gabinete.

«Vejamos. Um homem encontra-se no seu gabinete, só, sem mover-se, tendo na frente um tinteiro, uma caneta e um papel. Esse homem é Rabelais, é Molière, é Balzac.

Nessa morte aparente dos membros, existe uma acção que vai comover o mundo, adiantar os séculos, avançar a humanidade; porque assim o cérebro actua e trabalha pela gabinete.

«Faz mal. Paul de Casagnac em falar das tinteiras. Cura-se uma ferida feita por uma espada, mas não se cura uma ferida feita por uma pena. E' que a espada é a arma dos músculos e nada prova, e a caneta é a da alma e da inteligência. Talvez alguns políticos se incomodem ao olharem-se neste espelho de duelista, e se apodem elos mesmo homens de ação, chamando-nos homens de gabinete.

«Vejamos. Um homem encontra-se no seu gabinete, só, sem mover-se, tendo na frente um tinteiro, uma caneta e um papel. Esse homem é Rabelais, é Molière, é Balzac.

Nessa morte aparente dos membros, existe uma acção que vai comover o mundo, adiantar os séculos, avançar a humanidade; porque assim o cérebro actua e trabalha pela gabinete.

«Faz mal. Paul de Casagnac em falar das tinteiras. Cura-se uma ferida feita por uma espada, mas não se